

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
5 de Setembro de 2025
ENCONTRO “LITERATURA E CINEMA: INTERMEDIALIDADES

O PRIMO BASÍLIO / 1959

Um filme de António Lopes Ribeiro

Argumento: António Lopes Ribeiro, Emília Durque, Eduardo Costa, a partir do romance homónimo de Eça de Queirós / *Diretor de Fotografia (35 mm, Totalvision):* Mário Moreira / *Cenários:* Marcello de Moraes / *Guarda-Roupa:* Marie Gromsteff, Douking, Anahory, Péris Hermanos / *Música:* trechos de Gounod (“Fausto”) e Offenbach (“La Gaîté Parisienne”); canções de Waldemar Henrique, cantadas por Maria d’Aparecida e António Vilar / *Montagem:* Pablo del Amo / *Som:* Enrique Dominguez / *Interpretação:* Danik Patisson, dobrada por Carmen Dolores (*Luísa*), António Vilar (*Basílio*), Cecília Guimarães (*Juliana*), Paiva Raposo (*Jorge*), João Villaret (*Sebastião*), Fernando Gusmão (*Julião*), Ribeirinho (*Ernesto Ledesma*), Aura Abranches (*Dona Felicidade*), Maria Domingas (*Leopoldina*), Carmen Mendes (*Joana*), Virgílio Macieira (*o Conselheiro Acácio*) e na récita do “Fausto”, Álvaro Malta (*Mefistófeles*), João Rosa (*Fausto*), Irene Fernandes (*Margarida*).

Produção: Eduardo Mário Costa / *Cópia:* DCP, preto e branco / *Duração:* 136 minutos / *Estreia mundial:* Lisboa (cinemas São Luiz, Alvalade e Politeama), 1 de Dezembro de 1959 / *Primeira apresentação na Cinemateca:* 12 de Dezembro de 1992, no âmbito do ciclo “Elvira Velez”.

Eça de Queirós é um autor que só muito dificilmente poderia ser tolerado pelo salazarismo, pois era a encarnação absoluta do que o regime, que antes de deixar de existir já era “antigo”, mais abominava. E isto antes mesmo de nascer, pois Eça era filho ilegítimo e, por conseguinte, “do pecado”. “Estrangeirado” e orgulhoso de o ser, foi viver no estrangeiro assim que pôde, para nunca mais voltar a Portugal de modo definitivo. O seu modelo literário foi, sem dúvida, Flaubert e, como ele, Eça buscou a forma perfeita e a palavra certa, o *mot juste*, numa concepção da riqueza de vocabulário que privilegia a exatidão e a eufonia, contrariamente à tradição ibérica, que costuma ser acumulativa, cacofónica e pernóstica. Além de satirizar diversos aspectos da vida portuguesa, os romances de Eça, maiores ou menores, abordam temas impensáveis para as mentes salazaristas: a ridicularização da religião, o impossível celibato de um padre, que manda matar o filho “do pecado”, o incesto, de início inconsciente, depois consciente, a crítica das elites. Alguns críticos notaram a ausência sistemática nos seus romances da célula familiar completa, sendo a figura paterna substituída por um outro parente. Poderíamos dizer que esta simples ausência do pai, facilmente explicável num filho bastardo, já torna Eça estrangeiro ao salazarismo, regime construído à volta da figura patriarcal do chefe.

Nada na obra deste escritor perfeccionista que só publicou cinco livros em vida era tolerável para as mentes salazaristas, à exceção dos contos, talvez a parte menos interessante da sua obra (por isso, *O Defunto* foi transposto em **Cerro dos Enforcados**) e talvez de *A Cidade e as Serras*, que permite uma leitura equivocada sobre a superioridade da vida simples das serras lusas sobre as vãs perversões de Paris. Seja como for, se os mexicanos fizeram uma adaptação de **O Primo Basílio** em 1935 (Eça foi bastante lido na América hispanófila, além de ter suscitado admirações apaixonadas no Brasil), também em Portugal o livro foi transposto para o cinema, por duas vezes, em 1922 por Georges Pallu e em 1959 por António Lopes Ribeiro, oficialíssimo cineasta do regime salazarista. Por sinal, **O Primo Basílio** foi lançado num 1 de Dezembro, dia feriado, o que é prático do ponto de vista comercial, mas um feriado patriótico de que o regime muito se aproveitou e que celebrou na Exposição do Mundo Português, filmada pelo mesmo Lopes Ribeiro. O cineasta assinou com **O Pai Tirano** um clássico da comédia portuguesa, a única que realizou, pois parecia gostar de temas tão sérios e pomposos como o regime de que era convicto partidário. Mas também realizou outra impagável comédia, embora involuntária, **A Revolução de Maio**, cujo único interesse consiste na propaganda política nua e crua, pois todos os outros aspectos do filme (cenas cómicas, cantadas, de *suspense*, românticas) são de uma mediocridade rasteira. Em suma, Lopes Ribeiro é um realizador que tem mais interesse para os sociólogos e historiadores do

que para os cinéfilos, contrariamente a outros realizadores portugueses da sua geração, que tinham mão de cineasta, como Artur Duarte e sobretudo Leitão de Barros, capazes de realizar filmes de qualidade ou com passagens de boa qualidade. Realizado no final daquele que é considerado o decénio mais problemático do cinema português, **O Primo Basílio** veio a ser o último filme de Lopes Ribeiro e apesar do resultado pedestre, é evidente que não lhe foram regateados meios. É curioso saber que pouco antes de Lopes Ribeiro ter perpetrado a sua adaptação, um cineasta de outra envergadura pensara em adaptar o mesmo livro: Erich von Stroheim. No seu indispensável livro publicado em 1971 sobre Stroheim, que conheceu intimamente e a quem deu generoso apoio material, o crítico americano-parisiense Thomas Quinn Curtiss conta-nos o seguinte: No fim da vida, quando ainda pensava ou fingia pensar que voltaria a filmar, Stroheim “continuava a ler avidamente, com «sentido de cinema». (...) Ofereci-lhe uma tradução do romance português **Cousin Brazilo** [sic], de Eça de Queirós. Stroheim apaixonou-se pelo livro (...) Preparou uma adaptação cinematográfica, transpondo a história da Lisboa da segunda metade do século XIX para a província austríaca, à volta de 1900. E escreveu aos editores americanos do romance, indagando sobre os direitos de adaptação cinematográfica. Quando Clarence Brown veio passar férias de Verão na Europa e falou em investir na produção de filmes, Stroheim leu-lhe a sua adaptação, mas Brown era de opinião que era hora de filmar comédias e não tragédias”. E foi assim que ao invés de ser filmado por Erich von Stroheim, embora já fosse tarde demais para que um produtor investisse um tostão nele, **O Primo Basílio** foi filmado por Carlos de Nájera e por António Lopes Ribeiro.

A versão de Lopes Ribeiro não tem os excessos que tornam tão instrutiva a visão de **A Revolução de Maio**. É um filme sério, respeitoso do romance, uma daquelas transposições académicas como foram feitas às dúzias e que hoje em dia são cometidas na televisão. Falta por completo, no entanto, a tensão narrativa, o autêntico *suspense* que percorre o romance, pois Eça é um grande narrador. Trata-se visivelmente de uma produção de prestígio. Foi filmada em formato panorâmico (talvez para dar ao público a impressão de que o cinema português nem sempre é pequenino), há uma récita do **Fausto** de Gounod filmada em São Carlos, há uma francesa (Danik Patisson, que andara num papel menor em **The Sun Also Rises**, de Henry King) no papel de Luísa, Villaret num papel secundário além de um galã com ar de galo, António Vilar, que no ano anterior tivera a honra de apalpar as formas de Mlle. Bardot no pavoroso **La Femme et le Pantin**, de Julien Duvivier. Terá sido por perfídia que o realizador escolheu para o papel um ator tão ridículo como o seu personagem? Se for o caso, esta será uma das raras ideias existentes neste filme caracterizado pela ausência de ideias, com exceção do breve momento em que Basílio, de regresso a Lisboa, vai ter com Luísa: num procedimento clássico, Lopes Ribeiro oculta o rosto do personagem até ao momento do encontro. No mais, há um truque que parece saído da cabeça de um argumentista francês dos anos 50: enxertar coisas que não existem no romance e não servem para nada. Assim sendo, a ação começa numa fazenda brasileira (talvez pensando no mercado brasileiro, composto exclusivamente pelos imigrantes portugueses), o que dá ensejo a umas cantorias e satisfaz a mania da “cor local”, que percorre o cinema clássico português. Como se fosse pouco, voltamos a ouvir a canção uma segunda vez. Será uma explicação subliminar para o mau comportamento de Basílio, que já não é um “verdadeiro” português digno de Santa Comba Dão, que já é um tanto “brasílio”? E como não pode faltar um sermão num filme salazarista que se preze, ficamos sabendo que “*no povo, há mais moralidade*”. A frase talvez esteja no livro, mas adquire outro sentido neste contexto. E a propósito de frases, a demasiado célebre “*sobre a nudez forte da verdade, o manto diáfano da fantasia*” não é de Eça de Queirós e sim do Conselheiro Acácio. Lopes Ribeiro é um dos muitos que não desconfiou disso e a prova é que arremata o seu filme com um plano da estátua de Eça que desfigura uma praça de Lisboa, na qual o escritor, com ar maroto, põe o diáfano sobre o forte, isto é um manto sobre a nudez de uma senhora, que não parece descontente. Este plano final é o melhor resumo e o melhor comentário deste filme, epítome do cinema clássico português na sua veia séria, com pretensões a “*cinema adulto*”, como escreveu elogiosamente Fernando Fragoso, um crítico tão salazarista como António Lopes Ribeiro.

Antonio Rodrigues